

ANONYMOUS NA FOLHA DE S. PAULO

BEATRIZ DA SILVA ARAUJO*

PROF^a ME LIDIANE DO NASCIMENTO DINIZ FERNANDES**

RESUMO

Intitulada de diversas formas, a descentralizada e polêmica legião Anonymous mobilizou milhares de pessoas ao redor do mundo com ações hacktivistas que ultrapassaram telas de computadores e interferiram diretamente em governos, em grandes corporações e na imprensa. Na *Folha de S. Paulo*, um dos principais veículos do Brasil, o Anonymous foi citado pela primeira vez em 2008 e seguiu sendo pautado ao longo dos anos. A partir disso, este artigo científico tem como base o Trabalho de Conclusão de Curso “Anonymous na imprensa: Análise da cobertura midiática feita pelo site da *Folha de S. Paulo*” e se propõe a sintetizar os resultados obtidos a partir de análises quantitativas e qualitativas desenvolvidas na pesquisa inicial. Foram tabulados 13 anos (2008 – 2020) de publicações, desdobrados em 366 textos. Valendo-se de teorias do jornalismo e técnicas de análise do discurso, além de se debruçar sobre o hacktivism, a história do Anonymous e da *Folha de S. Paulo*, serão expostas nuances de como o Anonymous foi retratado ao público ao longo dos anos e quais decisões editoriais foram tomadas na cobertura.

PALAVRAS-CHAVE

Anonymous. Hacker. Jornalismo. Folha de S. Paulo. Análise do Discurso.

* Graduada em Jornalismo pela Universidade Católica de Santos (2021). Na área acadêmica, além da monografia “Anonymous na imprensa: Análise da cobertura midiática feita pelo site da *Folha de S. Paulo*”, desenvolveu a Iniciação Científica “Fake News e o Jornalismo: os impactos e as mudanças na rotina da produção de conteúdo da notícia pelos profissionais de imprensa”. Pós-graduada em Jornalismo Investigativo. Experiência em reportagem de veículos impressos e digitais, assessoria, comunicação interna, conteúdos para redes sociais e produções audiovisuais. Contato pelo e-mail beatrizaraujo.jor@gmail.com

** Graduada em Jornalismo pela Universidade Católica de Santos (2000), é mestre em Comunicação Social, com ênfase em Processos Comunicacionais, pela Universidade Metodista de São Paulo (2010). Atuou em redações de jornais diários, veículos digitais e na produção de conteúdo jornalístico para redes sociais, tendo trabalho ainda como Analista de Comunicação para o setor público e organizações privadas. É professora dos cursos de Jornalismo e Relações Públicas da Universidade Católica de Santos. Contato pelo e-mail lidianedinizfernandes@gmail.com

INTRODUÇÃO

“Nós somos o Anonymous. Nós não perdoamos. Não esquecemos. Esperem por nós.” Esse é o mantra repetido a cada operação do Anonymous, hacktivistas que desde 2008 tem deixado sua marca em âmbitos sócio-políticos e, consequentemente, seguem impactando produções jornalísticas a nível global. Mas, em meio às nebulosidades do que é o Anonymous, como a imprensa o pauta? (ARAUJO, 2021, p. 14).

É com essa provocação que se inicia o Trabalho de Conclusão de Curso “Anonymous na imprensa: Análise da cobertura midiática feita pelo site da *Folha de S. Paulo*”, realizado sob orientação da professora mestre Lidiane do Nascimento Diniz Fernandes, que embasa este presente artigo. A pesquisa completa destrincha a relação do surgimento da internet com o hacktivismismo, o desenvolvimento da legião Anonymous nos âmbitos nacional e internacional e o papel da *Folha de S. Paulo* no jornalismo digital. Além disso, se volta a teorias do jornalismo e à análise do discurso para, então, culminar em amplas análises qualitativas e quantitativas tendo como base a tabulação de 366 matérias publicadas no site da *Folha* que citam o Anonymous, de alguma forma. A pesquisa abrange 13 anos de material que se iniciaram em 2008, quando o Anonymous foi citado pela primeira vez no veículo, se estendendo até 2020. Neste artigo, em formato compacto, após uma breve contextualização sobre todos os itens citados, será dado prioridade aos resultados obtidos.

Mas, afinal, por que fazer uma pesquisa acadêmica sobre como o Anonymous foi pautado por um dos principais veículos do país? O Anonymous garantiu um novo capítulo ao movimento hacktivista em nível global. Se considerando uma legião descentralizada, reconhecida por suas polêmicas e identificada principalmente pela célebre máscara de Guy Fawkes, utilizada pelo personagem V de Vingança, o Anonymous influenciou o cenário sociocultural do século 20. Analisá-lo sob a ótica da comunicação, então, permite resgatar momentos sociopolíticos e compreender melhor como a imprensa moldou sua imagem ao público – em um processo espiralesco de comunicação.

Além disso, os insumos compilados na pesquisa possibilitam uma ampla visão de cobertura de ações do Anonymous. A partir disso, por meio da pesquisa realizada, foi possível notar um período de surgimento e ápice (2008-2014) e outro de instabilidade e esquecimento (2015 – 2020) do Anonymous no site da *Folha de S. Paulo*. Vale ressaltar que a *Folha de S. Paulo* foi escolhida como veículo de análise por ser um dos principais jornais do país, de tradição centenária, e por ter sido pioneira ao abordar assuntos voltados à tecnologia.

Os mascarados anônimos carregam consigo características ambíguas e uma misteriosa aura difícil de ser desmistificada ao se ter contato. É um ativismo que foge do tradicional, em comparação a outros movimentos sociais que emergiram nos últimos anos. O Anonymous, até então, é único e, ao mesmo tempo, múltiplo. Portanto, levando em consideração a relevância e credibilidade da *Folha de S. Paulo*, a forma como o Anonymous é noticiado em publicações cotidianas é capaz de moldar como os leitores do veículo compreenderão o movimento.

DESENVOLVIMENTO

1. ANONYMOUS

O Anonymous, assim como qualquer fenômeno social, não surgiu do nada. Ele é fruto de uma ideologia hacker que prosperou paralelamente à formação da internet e, depois, incorporou características ativistas junto a movimentos sociais. Portanto, antes de abordar o surgimento do Anonymous, em si, vale voltar-se brevemente às suas raízes e referências ideológicas.

Tudo começa com a internet, que foi criada e desenvolvida em consequência de uma fusão de estratégias militares, cooperação científica e inovação contracultural nas últimas três décadas do século 20 (CASTELLS, 1999). A primeira rede de computadores entrou em funcionamento em 1969 e se chamava *Advanced Research Projects Agency Network* (em tradução livre, Rede da Agência de Pesquisas em Projetos Avançados), sendo referenciada pela sigla ARPANET. Após ela, surgiram diversas versões de redes – algumas dedicadas exclusivamente para fins científicos e outras a fins militares – conforme surgiam necessidades comunicacionais.

Nesse fomentar tecnológico, paralela à atuação do Pentágono, sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, sendo símbolo das Forças Armadas dos EUA, e de cientistas que buscavam criar uma rede universal de computadores com acesso público, havia uma “contracultura de crescimento descontrolado, quase sempre de associação intelectual com os efeitos secundários dos movimentos da década de 1960 em sua versão mais libertária/utópico” (CASTELLS, 1999, p. 86). Essa contracultura pioneira foi batizada de “*the hackers*” e uma de suas primeiras descobertas tecnológicas foi o modem, criado em 1978 por dois estudantes de Chicago. Já no ano seguinte, 1979, os envolvidos na causa divulgaram gratuitamente o protocolo *XModem*, que permitia a transferência direta de arquivos entre computadores, sem passar por um sistema principal, como resgata Castells (1999).

O foco era potencializar a capacidade de comunicação em ações de descentralização. Seguindo deste modo, com o desenvolvimento de redes alternativas e softwares divulgados gratuitamente a fim de ampliar o acesso à informação, a rede continuou se expandindo em sistemas paralelos desenvolvidos por adeptos dessa contracultura. Foi, então, na década de 1980 que a ARPANET, que seguia sendo a espinha dorsal de todo esse sistema de comunicação, passou a chamar-se INTERNET – ainda sustentada pelo Departamento de Defesa norte-americano e operada pela *National Science Foundation*. Mas em 1990, após mais de 20 anos de serviços, esse sistema tornou-se tecnologicamente obsoleto.

Com as pressões comerciais, o crescimento de redes estabelecidas em empresas privadas e de outras redes cooperativas que não tinham fins lucrativos, essa última espinha dorsal operada pelo governo dos Estados Unidos encerrou suas atividades em 1995 – pré-anunciando a privatização total da Internet. (ARAUJO, 2021, p. 21).

“Uma vez privatizada, a Internet não contava com nenhuma autoridade supervisora” (CASTELLS, 1999, p. 83). Enquanto o paternalismo dos Estados Unidos em torno da internet enfim caía por terra, surge uma importante inovação com influência direta da contracultura hacker, a criação do emblemático WWW, *World Wide Web*¹, que impulsionou a difusão da internet na sociedade. O WWW é uma teia mundial, “que organiza o teor dos sítios da Internet por informações e não por localização, oferecendo aos usuários um sistema fácil de

pesquisa” (CASTELLS, 1999, p. 88). Seguindo os princípios de livre acesso à informação e sistemas, o software WWW foi difundido gratuitamente em toda a Internet e foram sendo criados navegadores gratuitos que possibilitaram, aos poucos, a estruturação da internet.

Surge, então, uma mudança de paradigma sobre a forma como a informação e a tecnologia integram a sociedade. Neste novo paradigma, “a difusão da tecnologia amplifica seu poder de forma infinita, à medida que os usuários apropriam-se dela e a redefinem” (CASTELLS, 1999, p. 69). É um processo de inovação constante que segue rumo à abertura de uma rede de acessos múltiplos e que foi influenciado de forma direta pelo pensamento hacker. Mesmo assim, essa evolução das comunicações direcionada aos processos de globalização e descentralização já estava prevista por McLuhan² no início da década de 1960 – o que, no século 21, é uma realidade indiscutível. Com um alcance global da internet e a integração dos meios de comunicação, a interatividade é ainda mais potencializada. (CASTELLS, 1999).

Atrelado a isso, levando em consideração o sistema capitalista que foi um impulsionador das novas tecnologias, como levantado por Krishan Kumar (1997), “o nascimento da informação não só como conceito, mas também como ideologia, está inextricavelmente ligado ao desenvolvimento do computador” (KUMAR, 1997, p. 19). Essa ideologia da informação, principalmente com relação à sua livre circulação, é um dos pilares do diverso movimento hacker, que abrange uma série de subculturas.

Assim sendo, voltemo-nos a Himanen (2001) que destrincha a ética hacker. Segundo a autora, há “um desejo de libertar a sociedade virtual da mentalidade de sobrevivência” (p. 126). A partir dos aspectos trabalho, dinheiro e ética de rede, Himanen elenca valores principais:

- Paixão: sendo um objetivo que move os hackers e que gera alegria em sua realização;
- Liberdade: onde a vida é organizada em um fluxo dinâmico entre o trabalho criativo e outros prazeres da vida – havendo um ritmo de trabalho não organizado em dias úteis rotineiros;
- Valor social e abertura: ao invés do dinheiro, é o que guia as atividades;
- Atividade e cuidar: com liberdade de expressão, privacidade e o sentimento de responsabilidade pela sociedade virtual a longo prazo;
- Criatividade: permeando os valores citados acima.

O movimento hacker também é dividido em gerações. A primeira foi a que teve início no início dos anos 60, atuando como uma contracultura no desenvolvimento das redes de computadores. A segunda é a que marcou os anos 1970 e se tornou conhecida como a dos hackers de hardware que “ansiavam por mudar as máquinas, tornando-as menores, mais usáveis, interativas e amigáveis” (MACHADO, 2013, p.16). Essa foi uma geração decisiva na criação da microinformática, pois o objetivo desses hackers era tirar as máquinas do controle exclusivo dos técnicos especializados, fomentando o empoderamento dos usuários. Por fim há o hacktivismo que caracteriza a terceira geração hacker (MACHADO, 2013). Nesse viés, há uma associação direta entre o hacking e o ato político:

Enquanto as primeiras gerações estavam focadas nas políticas públicas relacionadas a softwares e hardwares, os hacktivistas transpuseram mais claramente esse caráter político ao plano social, valendo-se dessas habilidades para realizar atos concretos de protesto e de desobediência civil (MACHADO, 2013, p. 18).

O surgimento do hacktivismismo se deu em meados da década de 1990, no contexto da revolução mexicana com o movimento zapatista, conforme indica Castells (1999). Nesse caso, o hacktivismismo permitiu que houvesse comunicação e fossem organizadas ações ativistas que burlavam a repressão militar e os limites impostos à imprensa (CLEAVER, 1998). Além do termo hacktivismismo, a situação deu origem ao termo “desobediência civil eletrônica” (WRAY, 1998 *apud* MACHADO, 2013, p. 19).

De forma descentralizada, movimentos hacktivistas ascenderam no mundo. Até que, conforme discorre Machado (2013), a implementação do Ato Patriótico nos Estados Unidos que surgiu em decorrência de uma intensa onda de vigilância após os atentados de 11 de setembro, os hackers passaram a ser malvistas. Firmou-se a ideia de que “hackers são perigosos cibercriminosos, ou até mesmo terroristas, e o hacking se configura como uma atividade antissocial e criminoso” (VEGH, 2003 *apud* MACHADO, 2013, p. 20).

Esse cenário começa a se modificar com o Anonymous, um novo fenômeno que retoma o movimento hacktivista global no início dos anos 2000. O reacender da chama se deu de forma desprezível no 4Chan³, um fórum norte-americano de discussões com o uso de imagens. Ele foi lançado em 2003 e, desde então, é uma “terra sem lei” na internet. Por lá é possível enviar mensagens de forma anônima e os registros desaparecem com o tempo. A plataforma é subdividida em servidores e, a partir disso, no portal o servidor /q/, “aleatório”, “serviu como ‘casa’ não oficial dos Anonymous” (MACHADO, 2013, p. 70).

Desde meados de 2006, pessoas anônimas – Anonymous, pois é o nome de usuário que aparecia caso não fosse indicado algum outro *nickname* específico – que frequentavam o portal se uniam *for the lulz*⁴, para “trollar”. Em *raids*, ataques sucessivos e coordenados contra determinado alvo, eram comuns ações coordenadas de envio de dezenas de pizzas, trotes telefônicos em massa e ações de negação de serviço (DDoS). Unido a diversos memes – tendo os de gatos, LOLcats, sendo os mais compartilhados –, estes ataques eram feitos por diversão. [...] Os alvos eram escolhidos por diversos motivos, mas foi em 2008 que esta rede passou a direcionar seus esforços, de certo modo, se posicionando politicamente. (ARAÚJO, 2021, p. 32-33)

A Operação Chanology (#OPChanology), que consistiu em protestos declarados contra a Igreja da Cientologia norte-americana, foi a responsável por iniciar a transformação do Anonymous em algo, de fato, potente. O estopim se deu em torno da viralização de um vídeo com o ator Tom Cruise que revelava experiências relacionadas à Cientologia. O vídeo proporcionou uma imagem negativa ao ator e ao culto, que solicitou a retirada do vídeo do ar (RODRIGUES, 2016). A Cientologia começou, então, a envolver a justiça na situação e a derrubar vídeos – o que para o Anonymous, que estava se divertindo com a situação, foi uma afronta à liberdade na internet.

Embora o vídeo pretendesse ser sério e persuasivo, legitimando a cientologia pelo poder da celebridade de Cruise, os fanáticos da internet (e a maioria dos outros) acharam que ele era uma tentativa patética – para não mencionar hilariante – de atribuir credibilidade a uma pseudociência. Quando a igreja acionou seus advogados, disse-me um dos participantes, o Anonymous trocou a brincadeira por uma “ultra-coordenada difamação” (COLEMAN, 2012, p. 97).

Em meio à mobilização surge um vídeo assinado pelo Anonymous. Nele, aparece pela primeira vez uma voz de caráter anônimo e identidade coletiva que externalizou a frase utilizada

pela legião até hoje em suas operações: “Nós somos Anonymous. Somos uma legião. Não perdoamos. Não esquecemos. Nos aguardem”⁵. Foi neste caso, após uma série de ataques DDoS, que o Anonymous convocou protestos nas ruas.

A luta de Anonymous que era apenas virtual tomou as ruas de diversos lugares do mundo em protesto contra a Cientologia. No dia 10 de fevereiro de 2008 se deu o primeiro ato de muitos. Foi a primeira vez que pessoas com a máscara de Guy Fawkes se uniam fora do virtual e, juntas, puderam sentir seu poder. O caso deu notoriedade global ao Anonymous – sendo, inclusive, tema de uma das primeiras matérias publicadas pela Folha de S. Paulo (JOVEM ADMITE, 2009) sobre o Anonymous.

O Anonymous é sustentado – e por vezes amplificado – não apenas pelo uso eficaz de tecnologias de comunicação, mas por uma cultura que floresce na tensão entre a ordem e a desordem, entre o frio e o quente, a seriedade e o lulz, o anonimato e a transparência. Embora os participantes do Anonymous devam esconder suas identidades e muitas vezes esconder suas ações, o grupo exige transparência dos atores públicos e corporativos (COLEMAN, 2012, p. 103).

Posto isso, o fenômeno Anonymous se deu de forma natural e rápida visto seus princípios hacktivistas e atuação descentralizada. O caráter anônimo possibilita que qualquer pessoa se declare um Anonymous. Não é preciso saber de criptografia ou técnicas hackers. Basta estar alinhado aos ideais e agir. O Anonymous não é um grupo fechado ou um coletivo – por isso, ninguém pode se intitular “da” ou “do” Anonymous. O Anonymous é uma ideia que pode ser incorporada por qualquer pessoa disposta a atuar contra qualquer coisa, pessoa, governo ou instituição que ameace as liberdades individuais e coletivas.

Estabelecendo uma breve linha do tempo, as principais ações internacionais do Anonymous após a #OPChanology foram:

2010: #OPPayBack, quando empresas como *PayPal*, *Mastercard* e *Amazon* bloquearam doações à organização internacional *Wikileaks*, de Julian Assange⁶, conhecida por publicar documentos e informações confidenciais por fontes anônimas, vazados de governos e empresas, sobre assuntos sensíveis e polêmicos.

2011: O Anonymous atuou na onda de protestos conhecida como 15M, contra o governo da Espanha. Aconteceu o Occupy, quando ativistas acamparam em locais simbólicos ao redor do mundo, tendo como ato principal o *Occupy Wall Street* – em retaliação ao maior centro financeiro do mundo. Também neste ano ocorreu a #OPTunisia, em meio às mobilizações que culminaram na Primavera Árabe – que trouxe a queda de um regime ditatorial após 33 anos de controle. No Brasil, #ODiaPelaIndependência, em 7 de setembro, com diversos ataques cibernéticos e milhares de pessoas protestando contra a corrupção nas ruas do país.

2012: Mobilizações Anti-SOPA/PIPA potencializadas pelo Anonymous, contra os projetos *Stop Online Piracy Act* (conhecido popularmente como SOPA, que em tradução livre significa Pare Com a Pirataria On-Line) e *Protect IP Act* (chamado de PIPA, que significa Ato de Proteção da Propriedade Intelectual, em tradução livre) que estavam em tramitação no congresso norte-americano. #OPMegaUpload, no mesmo contexto da movimentação antipirataria, quando o site *MegaUpload* foi bloqueado pela FBI e os fundadores do site foram presos. No Brasil acontecia a Operação

Semana do Pagamento, *#OPWeeksPayment*, que tirou do ar os sites dos 5 maiores bancos brasileiros durante a semana do pagamento – com o objetivo de alertar a população sobre abusos das instituições financeiras. **2013:** O ano do ápice do Anonymous no Brasil, com participação intensa nas Jornadas de Julho – protestos contra o aumento da tarifa do transporte coletivo. Também ocorreram protestos contra a corrupção e a Revolta da Salada/Revolta do Vinagre, após um jornalista ser ferido em uma destas manifestações por repressão policial. O ato mais simbólico do ano foi o prédio do Congresso Nacional ocupado pelos manifestantes, tornando-se referência de força do movimento que se distribuiu em protestos em mais de 30 cidades, somando cerca de 270 mil pessoas. **2014:** *#OpFerguson*, quando um adolescente negro foi assassinado por um policial em Ferguson (Missouri) e o Anonymous convocou um “Dia Nacional de Ira” – na mesma época também foi assumida uma briga contra o grupo racista Ku Klux Klan (KKK). Paralelamente também aconteceu a *#OpHongKong* em uma onda ativista pró-democracia. No Brasil, o ápice da operação *#OpBoicoteaCopa* e *#OpWorldCup*, contra a Copa do Mundo, e a operação *#StopMarcoCivil*, contra um projeto de lei que estabelecia princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil que, de acordo com o Anonymous, iam contra a liberdade civil da internet. **2015:** Aconteceram as operações *#OpISIS* e *#OpParis* após um atentado terrorista em Paris, na França, realizado pelo Estado Islâmico. Na ocasião mais de 5 mil contas de redes sociais supostamente ligadas aos terroristas foram bloqueadas e o Anonymous afirmou ter descoberto dados pessoais de supostos membros do Estado Islâmico.

2016: Ataques contra o então pré-candidato republicano à Casa Branca, Donald Trump. Em vídeo anunciando a ação, Anonymous frisou a campanha de ódio do presidenciável e como a mesma atacava a liberdade. Posto isso, o objetivo era que Trump não fosse eleito. **2018:** O Anonymous reivindicou um ataque cibernético ao governo espanhol, atacando sites de várias instituições do país. O objetivo era protestar contra ações da Espanha que estavam interferindo na Catalunha e prejudicando o povo catalão.

2020: Com a pandemia e o movimento *Black Lives Matter* – que ocorreu em torno do caso George Floyd, quando um homem negro inocente foi morto por repressão policial, o Anonymous se pôs contra a polícia dos EUA e seus abusos de poder. Pouco menos noticiado, em 2020 o Anonymous também seguiu firme frente *#OpMyanmar*, país asiático imerso em um golpe de estado militar. No Brasil, ocorreram ações expressivas contra o presidente Jair Bolsonaro, sua família e apoiadores.

Em todo esse período, a relação do Anonymous com a imprensa foi dúbia – assim como considerável parte de suas ações. Mesmo o Anonymous se posicionando catedraticamente a favor da liberdade de imprensa, aconteceram casos de ataques ao jornalismo. Mas, para este artigo, o mais importante é compreender o que é o Anonymous e, a partir disso, desvendar como a imprensa o posicionou frente ao público.

2. FOLHA DE S. PAULO

A *Folha de S. Paulo* é um veículo centenário, um dos mais importantes do Brasil. Ela surgiu em 1921 como *Folha da Noite*, ganhou a *Folha da Manhã* em 1985 e, em 1949 passou a ser circulada também como *Folha da Tarde*. Mas, em 1960, esses três títulos da empresa se uniram e originaram o jornal *Folha de S. Paulo*, como é conhecido atualmente. Sua história está exposta em forma de linha do tempo no próprio site da instituição (HISTÓRIA, s/d).

A *Folha de S. Paulo* sempre carregou consigo um caráter inovador, alinhado a transformações tecnológicas. Conforme indicado no site da instituição, a *Folha* foi o primeiro jornal a utilizar impressão offset em cores em larga tiragem no país em 1967, a abandonar a composição de chumbo e adotar o sistema eletrônico de fotocomposição em 1971, e em 1983 se tornou a primeira redação informatizada da América do Sul, por exemplo.

Também foi a *Folha* que, em 1995, lançou o primeiro site de notícias em tempo real, a *FolhaWeb*. Outro grande marco se deu em 2010, quando houve a unificação das redações do impresso e do online e a *Folha Online* passou a se chamar *Folha.com*. Ainda seguindo seu caráter pioneiro, em 2012 a *Folha* foi o primeiro veículo do Brasil a adotar o modelo de *paywall* poroso para seu site, quando o acesso às matérias é gratuito até determinado limite. No que diz respeito ao conteúdo, seu site também é um dos veículos pioneiros na cobertura de assuntos ligados à tecnologia, no qual segue constantemente se atualizando. Conforme Andressa Kikuti Dancosky (2015):

As seções de tecnologia dos jornais brasileiros surgiram em momentos distintos, porém recentes na história do jornalismo no país: o Correio Braziliense deu luz à sua primeira seção de tecnologia em 1994 (mantendo ainda o nome de Informática no jornal impresso, mas abrangendo tecnologia de maneira geral no site), o Link do Estadão e a seção Tecnologia da Gazeta do Povo começaram em 2004, e o Tec da *Folha* surgiu só em 2010, mas em substituição ao suplemento de Informática, que era editado desde 1983. Tais seções surgiram em tempos de consolidação da internet no Brasil, nascimento e acesso ampliado a computadores móveis e dispositivos móveis, e de explosão da cultura digital. (DANCOSKY, 2015, p. 123)

A *Folha* está na internet há quase 30 anos, falando sobre tecnologia há 38 anos. Aos poucos, explorando a então cultura digital desde 1983, o veículo se atualizou nos quesitos de hipertextualidade, interatividade, multimídia e customização de conteúdo, que são as quatro características do jornalismo digital elencadas por Bardoe e Deuze (2001). Segundo os autores, a hipertextualidade diz respeito à interconexão dos textos por meio de links e se linka aos outros pilares de interatividade e à customização de conteúdo, onde há uma quebra de linearidade de leitura se comparado à experiência de ler um jornal impresso.

A interatividade é a possibilidade de o leitor comentar e compartilhar sua opinião a partir do material consumido – sendo, para os jornalistas, uma possibilidade direta de *feedback* dos leitores. Já a multimídia diz respeito às diversas formas de conteúdo multimídia presentes no jornalismo digital – que vão além do texto, em si.

Lidando com essas características do meio digital, a imprensa deixou de estar em uma posição “paternal” como detentora da informação. Há, agora, um cenário de desintermediação, onde “o jornalista deixou de ser o único intermediário entre os conteúdos e seu público, na medida em que todos têm acesso aos meios de publicação e distribuição” (BARSOTTI, 2012, p. 83). A informação pode vir de todos – mesmo que não reflita a verdade. Não são mais os

meios de comunicação de massa que detêm o monopólio de produção da notícia, observa Barsotti (2012).

Com uma ampla concorrência, Marcondes (2000) aponta que o homem teve que passar a trabalhar na velocidade do sistema após essa reformulação das empresas jornalísticas agora on-line. “Não bastasse as longas jornadas ‘sentado’, é exigido do jornalista on-line velocidade. Aliás, ficar ‘sentado’ é consequência do ritmo frenético de atualização da notícia que lhe é exigido” (BARSOTTI, 2012, p. 87). No caso da *Folha de S. Paulo* os dados não negam: são publicadas cerca de 160 notícias por dia no site – sendo cerca de 4800 notícias mensais que somam uma audiência média de 22 milhões de visitantes únicos e 223 milhões de páginas vistas (média de 2019, segundo o *Google Analytics*) (SITE,s/d).

Essa situação de jornalistas sentados, apesar de proporcionar uma maior agilidade comunicacional e, conseqüentemente, de produção, afeta a cobertura de eventos presenciais, de maneira geral. A apuração é feita, em sua maior parte, por chamadas telefônicas e trocas de mensagens. Em redações de jornalismo digital, o repórter vai à rua apenas quando avaliada uma maior necessidade de cobertura presencial. Agora a dinâmica é outra.

De qualquer modo, a *Folha* tem se adaptado à nova realidade comunicacional e segue se destacando ao longo dos anos. Conforme o Instituto Verificador de Comunicação (IVC Brasil) – uma entidade nacional sem fins lucrativos que tem como objetivo fornecer ao mercado dados isentos e detalhados sobre comunicação, como o de tráfego web, interligando números de diversas audiências às principais agências do País – a *Folha* liderou dentre os grandes veículos de comunicação em 2020. Com relação ao site, especificamente, em comparação aos portais do *Estadão* e do *Jornal O Globo*, a *Folha* se destacou em páginas visitas, visitantes únicos e tempo gasto de leitura.

Estes dados não são referentes a um ano fora da curva. Por meio de matérias divulgadas pela própria *Folha de S. Paulo*, é possível notar que no meio digital o veículo liderou a audiência em anos como 2019; 2018, ano eleitoral; 2015 e também 2013, um dos anos de maior cobertura do Anonymous. Inclusive, há registros de que a *Folha* já se destacava até mesmo no início da década, em 2001(VEJA, s/d). Isso apenas reitera a influência do veículo centenário.

Sobre projetos editoriais, a *Folha* desenvolveu sete linha editorial: em 1981, 1984, 1985, 1986, 1988, 1997 e 2017 (LINHA EDITORIAL, s/d). O primeiro deles, 1981 – *A Folha e alguns passos que é preciso dar*, declara que o jornal quer oferecer informação correta, interpretação competente sobre essa informação e pluralidade de opiniões sobre os fatos ao público leitor. Após discorrer sobre esses princípios, o texto termina com: “Se estivermos corretos, como julgamos estar, quando sustentamos tais convicções, as gerações do futuro poderão olhar para a *Folha* e dizer: ‘Eis aí algo de útil e bom, algo que deve ser preservado’”(PROJETO EDITORIAL, 2019a).

Já o projeto editorial de 2017, o mais atual da *Folha*, *Jornalismo profissional é antídoto para notícia falsa e intolerância*, foram elencados 12 princípios editoriais:

1. Confirmar a veracidade de toda notícia antes de publicá-la
2. Praticar um jornalismo que ofereça resumo criterioso e atualizado do que acontece de mais relevante em São Paulo, no Brasil e no mundo, com ênfase na obtenção de informações exclusivas
3. Priorizar temas que, por afetarem a vida da coletividade ou de parcelas expressivas da população, sejam considerados de interesse público

4. Promover os valores do conhecimento, da solução pacífica dos conflitos, da livre-iniciativa, da equalização de oportunidades, da democracia representativa, dos direitos humanos e da evolução dos costumes
5. Abordar os assuntos com disposição crítica e sem tabus, no intuito de iluminar problemas, apontar falhas e contradições, questionar as autoridades públicas e os poderes privados, sem prejuízo de buscar conteúdos proveitosos ou inspiradores
6. Cultivar a pluralidade, seja ao divulgar um amplo espectro de opiniões, seja ao focalizar mais de um ângulo da notícia, sobretudo quando houver antagonismo entre as partes nela envolvidas; registrar com visibilidade compatível pontos de vista diversos implicados em toda questão controvertida ou inconclusa
7. Obrigar-se a ponderar os argumentos da parte acusada e, publicando uma acusação, garantir espaço ao contraditório
8. Manter atitude apartidária, desatrelada de governos, oposições, doutrinas, conglomerados econômicos e grupos de pressão
9. Preservar o vigor financeiro da empresa como esteio da independência editorial e garantir que a produção jornalística tenha autonomia em relação a interesses de anunciantes; assegurar, na publicação, características que permitam discernir entre conteúdo jornalístico e publicitário
10. Estabelecer distinção visível entre material noticioso, mesmo que permeado de interpretação analítica, e opinativo
11. Rechaçar censura e outras agressões à liberdade de expressão, reconhecendo, no caso de abuso comprovado dessa liberdade, a responsabilização posterior dos autores, nos termos da lei
12. Identificar e corrigir com destaque erros de informação cometidos; publicar manifestações de crítica ao próprio jornal; manter mecanismos transparentes de autocontrole e correção. (PROJETO EDITORIAL, 2019b)

Na cobertura da *Folha* sobre o Anonymous é possível notar tais princípios editoriais. O Anonymous ter aparecido no site do veículo durante todos os anos desde sua primeira aparição em uma matéria, em 2008 – mesmo que apenas citado ou referenciado como um assunto paralelo em parte das publicações –, prova sua relevância ao público. Levando em consideração as pautas que acompanham o Anonymous, também se ressalta o princípio de pluralidade.

No total, nos 13 anos de cobertura caracterizados entre 2008 e 2020, o Anonymous marcou presença em 366 matérias publicadas na *Folha*. Dentre elas, há textos publicados em 17 editorias – Tec, Poder, Mundo, Cotidiano, Colunas e Blog (com diversos autores), Ilustrada, Ilustríssima, Mercado, Fotografia, BBC Brasil, Painel do Leitor, Esporte, TVFolha, Ambiente, Ombudsman, São Paulo e Vice. Estas matérias permeiam ações no entorno de Anonymous nacionais e internacionais, sendo produzidas por agências de notícias, colaboradores e, também, por repórteres da equipe da *Folha de S. Paulo*. Com isso, é possível notar

a pluralidade de meios utilizados pelo veículo em análise para manter seu portal atualizado sobre a questão ao longo dos anos.

Para este trabalho, metodologicamente, a busca se deu ao pesquisar a palavra “Anonymous” no mecanismo de busca do site da *Folha de S. Paulo* (Folha.com.br). Inicialmente apareceram mais de 600 resultados, que foram filtrados um a um aos que realmente se referiam ao Anonymous que esta pesquisa diz a respeito. Assim chegou-se ao número de 366 matérias.

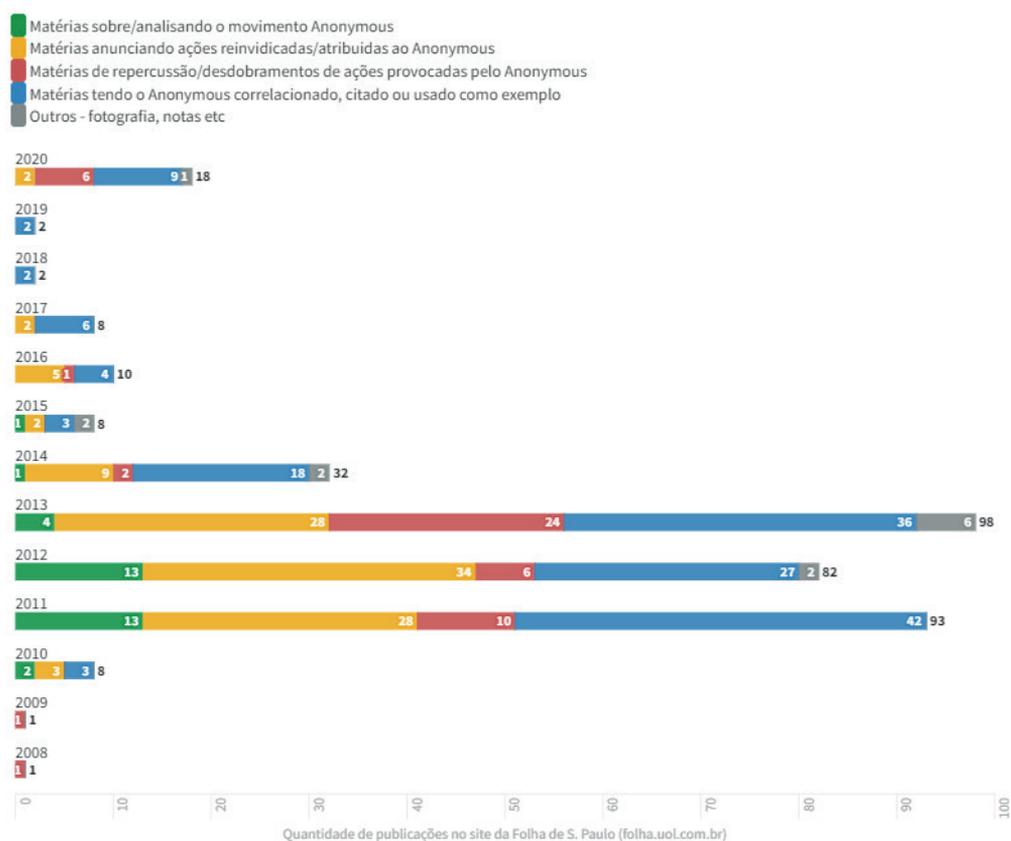
A partir disso, as matérias foram tabuladas de forma quantitativa em uma ampla tabela. A planilha contém os seguintes dados: data de publicação; plataforma/versão do site da *Folha* ela está publicada; se a matéria está veiculada ao veículo impresso na página; em que a editoria ou coluna a matéria está cadastrada; assinatura do texto; título; linha fina; se a notícia é de âmbito nacional ou internacional; o gênero jornalístico do texto; se há declarações dadas ao jornal nas matérias: podendo ser *gerais* (pegas de publicações em redes sociais, notas de assessorias de imprensa e afins) ou *direcionadas* (coletadas de forma direta pelo repórter); se há fotos ou imagens publicadas junto aos textos; hiperlink referente à matéria e quantidade de comentários da publicação.

Ainda nestas tabelas houve uma classificação por cores, referente à abordagem das respectivas publicações. São elas: **Verde:** Matérias sobre/analizando o movimento Anonymous; **Amarelo:** Matérias anunciando ações reivindicadas/atribuídas ao Anonymous; **Bordô:** Matérias de repercussão/desdobramentos de ações provocadas pelo Anonymous; **Azul:** Matérias tendo o Anonymous correlacionado, citado ou usado como exemplo; **Cinza:** Outros – fotografia, notas etc. **Vermelho:** Matérias que apareceram nos mecanismos de pesquisa, mas que foram tiradas do ar – estas são desconsideradas nas análises.

3. ANÁLISE DE COBERTURA

Analisar a cobertura de anos sobre um determinado assunto em um veículo emblemático não é uma tarefa fácil. A tabulação das 366 matérias, que caracterizam a cobertura jornalística do Anonymous feita pela *Folha* ao longo de 13 anos (2008 – 2020), proporcionou dezenas de indicadores. Para facilitar a compreensão da cobertura, os dados principais da quantidade de matérias que foram publicadas por ano e de quais categorias de abordagem elas respectivamente fazem parte estão compilados neste gráfico:

Figura 1 – Gráfico sobre cobertura da Folha de S. Paulo sobre o Anonymous



Fonte: Tabulação feita pela autora a partir de matérias da Folha de S. Paulo.

Em 2008 e 2009, como indicado no gráfico, foram publicadas apenas uma matéria por ano sobre o Anonymous, ambas internacionais. Foi uma introdução lenta que, nos anos seguintes, registrou um crescimento exponencial. O Anonymous debutou na *Folha de S. Paulo*, em 2008, com uma publicação que falava sobre um ataque do Anonymous ao e-mail de Sarah Palin, candidata republicana à vice-presidente dos EUA (CASTRO, 2008). Essa publicação é muito importante para compreender a relação do Anonymous com a “pirataria”, que será mais aprofundada em breve. Isso porque o título da matéria é “Perene pirataria”, tendo como lead:

Piratas eram os do passado. Tomavam um navio a punhal e bacamarte, cuspiam no convés, saqueavam a carga e, depois de degolar o comandante, afundavam o navio e iam encher a cara em Tortuga. Imagine a adrenalina. Hoje, os piratas são virtuais -sujeitos que invadem o e-mail ou o telefone dos outros e têm orgasmos também virtuais, pensando no desconforto que causarão a suas vítimas.

Já em 2009, a matéria foi sobre prisões envolvendo a operação contra a Cientologia (#OP-Chanology) (JOVEM ADMITE, 2009), também referenciando o Anonymous com um “grupo de piratas virtuais”. Após esses primeiros contatos, ainda pouco explorados e esporádicos, o fluxo de matérias sobre o Anonymous na *Folha* começa a aumentar de forma expressiva

– seguido, depois, de uma notável decaída. Sobre estes aspectos, tendo o gráfico apresentado acima como norteador, há alguns pontos que precisam ser levados em consideração.

As matérias indicadas na cor **verde**, que conforme explicado na legenda do gráfico dizem respeito às matérias que analisam o Anonymous de forma mais aprofundada, acompanham o fluxo de produção geral em 2011, 2012 e em 2013 – ano de maior cobertura do Anonymous pela *Folha*. Ao ler estes dados pode-se notar que a *Folha* se preocupou em produzir conteúdos que tinham o Anonymous como foco, os desmistificando e apresentando ao público por se tratar de um fenômeno complexo e atual que, de maneira geral, ainda estava sendo assimilado pelo público em uma primeira onda de exposição. Havia muitas nuances em torno do Anonymous e a *Folha* buscou proporcionar esse respaldo de conteúdo para o leitor sobre o que realmente era o Anonymous.

Porém, com o passar dos anos, é possível notar uma diminuição de matérias do tipo, categorizadas em **verde**. Seguindo a linha do tempo, em 2014 e 2015 há apenas uma matéria do tipo publicada por ano e, a partir de 2016, essas matérias passam a ser inexistentes na cobertura da *Folha*. Então, o leitor do veículo que começou a acompanhar o Anonymous a partir de 2016, até 2020, não encontrou nenhum conteúdo completo que contextualizasse a complexidade do Anonymous, do que foi feito por *anon* e de que forma eles impactaram diretamente o contexto sociopolítico. Eles passam a ser apresentados de forma isolada, valendo-se da ideia de que eles já são conhecidos. Porém, nesses casos, eles são apresentados como “hackers Anonymous”, tendo sua trajetória sintetizada e negligenciada na cobertura. Não são mais publicadas matérias que realmente analisam ou que tem foco principal no Anonymous, em si.

Outro ponto é sobre as matérias em **amarelo**, que representam publicações que anunciam ações indicadas ou atribuídas ao Anonymous. Há um alto fluxo de matérias do tipo ao longo dos 13 anos de cobertura. São textos que anunciam o que o Anonymous faz que, de forma mais direta, impacta a população e instituições. Estas são matérias com poucos parágrafos – em torno de três, quadro –, escritas em um modelo mais próximo ao do “hard-news”, com apelo ao factual e, conseqüentemente, pouca contextualização. Neste caso, há a característica de serem publicadas séries de matérias similares, que juntas dizem respeito ao desdobramento de um mesmo caso. A *Folha* utiliza muito estes recursos e dá uma atenção especial a publicações do tipo ao longo da cobertura.

Há também as matérias em **azul**, que citam, correlacionam ou usam Anonymous como exemplo ao longo do texto – sem que eles sejam, realmente, o foco da matéria. Nos anos de 2011, 2012, 2013 e, também, um pouco em 2014, há uma forte presença de matérias do tipo por conta de um tipo de publicação específica: a referente a protestos. Foram nestes anos que o Anonymous mais mobilizou multidões no Brasil, sendo o organizador de diversos protestos pelo país. É importante resgatar a questão de que o Anonymous é descentralizado e não possui lideranças, então vários coletivos de *anons* se mobilizaram e organizaram protestos ao longo desses anos. De qualquer modo, a *Folha* publicou diversas matérias que anunciavam os protestos citando o Anonymous como um dos organizadores. Mas, nestes casos, o Anonymous era apenas citado e não era oferecida uma contextualização maior sobre a questão.

Mas também há matérias em que o Anonymous é citado como uma figura de referência. São publicações que tratam sobre hackers, assuntos relacionados à segurança na internet e demais panoramas tecnológicos. Mesmo a partir de 2014, quando o fluxo de matérias começa a diminuir, as publicações com essa abordagem definida como **azul** seguem sendo reproduzidas até 2020. O Anonymous ser citado e lembrado em matérias do tipo ressalta sua fixação no imaginário popular, que o associa a mobilizações sociais e os considera “hackers”,

tendo como base a forma que a *Folha* os apresenta na maior parte dos textos. Ao longo da cobertura também é possível notar a firmação do Anonymous como uma figura da cultura pop, por conta da máscara de Guy Fawkes – consolidada no cenário pelo V de Vingança. Então podemos dizer que, mesmo após o pico de aparição, o Anonymous segue na memória da *Folha* e, conseqüentemente, do leitor.

Posto isso, para analisarmos as matérias de forma qualitativa foram utilizadas como base teorias do jornalismo elencadas por Traquina (2005). Dentre elas, há três principais que norteiam este trabalho. Juntas, elas se complementam e fornecem um panorama multifacetado sobre a cobertura jornalística.

A primeira é a teoria organizacional, que diz respeito à questão de que o jornalista está vinculado a uma empresa jornalística que tem suas questões mercadológicas, financeiras e ações editoriais que têm que ser respeitadas. O jornalista é um funcionário da empresa jornalística que não sobrepõe suas crenças pessoais às normas da política editorial da organização que trabalha. Como elenca Traquina (2005), há uma espécie de conformismo para com a empresa jornalística por conta de alguns fatores como a autoridade institucional e as sanções; os sentimentos de obrigação e de estima para com os superiores; as aspirações de mobilidade; a ausência de grupos de lealdade em conflito; o prazer da atividade e as notícias como valor principal. “Porém, não significa que haja um ‘ditatorialismo’ organizacional, visto a natureza do trabalho jornalístico e a conseqüente autonomia profissional que deve ser dada ao jornalista para que ele execute seu trabalho – mesmo que seja uma autonomia consentida” (ARAÚJO, 2021, p. 63).

Há também a teoria construcionista, que rejeita a teoria do espelho e encara as notícias como construções. Nela é levado em consideração que a produção acaba sendo uma extensão do jornalista – refletindo suas crenças e valores, mesmo que haja busca por uma neutralidade na forma de expor ideias.

Os jornalistas dizem: ‘Há um acontecimento; quer dizer alguma coisa. Quem quer que lá esteja perceberá o que é que ele significa. Tiramos-lhe fotografias. Escrevemos um relato sobre ele. Transmitimo-lo tão autenticamente quanto possível através dos media, e a audiência vê-lo-á e perceberá o que aconteceu’. E quando se afirma que as pessoas tem interesse em versões diferentes desse acontecimento, que qualquer acontecimento pode ser construído das mais diversas maneiras e que se pode fazê-lo significar as coisas de um modo diferente, esta afirmação de algum modo ataca ou mina o sentido de legitimidade profissional dos jornalistas, e estes resistem bastante à noção de que a notícia não é um relato mas uma construção. (STUART HALL, 1984:4 *apud* TRAQUINA, 2005, p. 170)

Na teoria construcionista, então, evidencia-se a dimensão trans-organizacional existente no processo de produção das notícias. Complementando, dessa forma, a teoria construcionista que ignora os processos de interação social do jornalista para além da empresa.

Acrescentando o fator tempo, há a teoria interacionista. “Para a teoria interacionista, os jornalistas vivem sob a tirania do fator tempo. O seu desafio quotidiano é ter de elaborar um produto final (notícia, jornal, telejornal, etc.)” (TRAQUINA, 2005, p. 181). Para o jornalismo digital não há a hora do fechamento, como no impresso. Nos sites e portais de notícia se preza pela instantaneidade – o que interfere, diretamente, no produto final e na forma de produção.

As três teorias citadas acima nos permitem compreender melhor sobre as questões em torno do trabalho do jornalista e como sua produção é feita sob condições específicas, que

interferem no que as mesmas se tornarão. Após isso, por fim, há outras duas teorias do jornalismo voltadas à questão da cobertura da imprensa, de maneira sistematizada: a teoria do agendamento (*agenda setting*) e a do enquadramento (*framing*).

Segundo Willrich e Junior (2016), que analisam os efeitos e conceitos da *agenda setting* no cenário contemporâneo, o agendamento da imprensa de massa define quais assuntos serão da agenda pública em detrimento de outros. Os temas levantados pela imprensa são os que o público lerá e, posteriormente, discutirá. São os assuntos que ficarão registrados historicamente e serão reafirmados nas lembranças do público consumidor dessas notícias. Certos assuntos podem ser incluídos ou, pela não cobertura, excluídos parcialmente do debate público por conta disso. (ARAUJO, 2021, p. 66).

O agendamento se correlaciona com o enquadramento, que veio da área da psicologia cognitiva e da sociologia. Ao enquadrar um assunto, são selecionados aspectos de uma realidade ao mesmo passo que certos pontos são evidenciados, promovendo uma definição mais particular e, talvez, com uma avaliação moral sobre o assunto, como trazem Rosetto e Silva (2012).

Já na área da análise do discurso foi utilizado como base Orlandi (2013). Há uma vasta bibliografia que se aprofunda na questão – que foi descrita com maior precisão e detalhamento no Trabalho de Conclusão de Curso que antecede este artigo. De qualquer modo, há uma frase do autor que exprime bem a ideia: “É na língua que a ideologia se materializa” (ORLANDI, 2013, p. 38). A partir disso, é importante evidenciar que:

Para a Análise de Discurso, não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultante de um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta mensagem, decodificando-a. Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque. Além disso, ao invés de mensagem, o que propomos é justamente pensar aí o discurso. Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, produção temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e de sentidos e não meramente transmissão de informação [...] A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Dar a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores (ORLANDI, 2013, p. 21).

Estas nuances entre o que é dito e o que não é dito foram bem explorados na análise feita com relação à cobertura da *Folha* sobre o Anonymous. Essa ideologia se dá nas pequenas escolhas – como, por exemplo, ao decidir utilizar o termo piratas virtuais para se referir ao Anonymous em chamadas de matérias. Mas estas escolhas não surgem do nada. Há o esquecimento ideológico: onde o sentido do que se fala não é determinado pela vontade de quem fala, mas, sim, pela maneira como as pessoas se inscrevem na língua e na história (PÊCHEUX, 1975 *apud* ORLANDI, 2013, p. 35). O discurso vem à priori, não se originam em nós. E há, também, o esquecimento enunciativo: quando a pessoa escolhe semi-conscientemente dizer algo

de uma forma e não de outra – estabelecendo, assim, uma relação “natural” entre a palavra e a coisa. “Essa impressão, que é denominada ilusão referencial, nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de tal modo que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras” (ORLANDI, 2013, p. 35).

Então, surgem interdiscursos que interconectam os discursos de forma construtivista. As palavras e sentidos vão se agregando e se interligando durante os anos de uma cobertura jornalística sobre determinado assunto e, aos poucos, novos significados surgem ao passo que discursos antigos são retomados.

Com estas bases conceituais e teóricas melhor compreendidas e com os dados gerais de cobertura expostos, é possível retomar às análises. Sobre a cobertura, com esta pesquisa foi possível delimitar dois principais períodos: (a) surgimento e ápice, de 2010 a 2014 e (b) instabilidade e esquecimento, de 2015 a 2020, do Anonymous na cobertura feita pelo site da *Folha*. No Trabalho de Conclusão de Curso foram dezenas de páginas de análise, mas, por conta do caráter deste artigo, trago alguns pontos principais.

Ao ter contato com as mais de 300 matérias, a forma como a *Folha* se direcionou ao Anonymous com o passar dos anos foi um aspecto de destaque. Como já citado, na primeira matéria do Anonymous no veículo, *anons* são chamados de piratas virtuais. Mas isso não aconteceu apenas em 2008. Ao longo da cobertura foram publicadas cerca de cinco matérias que se referiam a esse termo – inclusive, uma de 2017, quase dez anos depois da primeira matéria publicada. Em 2017, o Anonymous já era conhecido pela *Folha* e já havia, até, vivido seu ápice de cobertura no veículo. Mas, mesmo assim, foi utilizado este termo que carrega consigo certo caráter cômico mas que, ao mesmo tempo, remete à pirataria – que é crime. É uma nomenclatura que tem um forte juízo de valor.

Nos títulos da *Folha*, ao longo dos 13 anos de cobertura, a nomenclatura que mais aparece nos títulos de matérias que citam Anonymous é “hacker”, seguido de um verbo de ação. Hackers atacam. Hackers invadem. Hackers vazam. A partir disso, o nome Anonymous aparece citado, às vezes, na linha fina. Mas na maior parte das matérias o nome Anonymous é escrito apenas no segundo ou terceiro parágrafo. Porém, como já discutido no primeiro capítulo, são operações hacktivistas, com caráter político além do hacking em si. Desta forma posta pela *Folha*, é como se todo hacker fosse um Anonymous e isso faz com que leitores leiam o movimento de forma simplista.

O que mais chamou atenção da pesquisa na cobertura foi o foco dado à *Folha* aos protestos nas ruas brasileiras em 2013. Foi o ápice da cobertura do Anonymous no veículo, contando com a mobilização de repórteres em diversos estados e com um alto fluxo de matérias que anunciavam datas e informações sobre os protestos de forma mais direta. Sobre este ponto, em específico, espero que ele tenha sua influência política analisada em uma obra futura.

Porém, de maneira geral, há falta de padronização na forma com que a *Folha* se refere ao Anonymous. Nos protestos de 2013, no seu efervescer nacional, Anonymous é chamado de hackers ativistas. Mas pouco após cessar essa onda de protestos, Anonymous volta a ser chamado apenas de hackers. É como se houvesse uma descontinuidade de narrativa em que o Anonymous de 2011 não é o mesmo de 2013 e, também, não é o mesmo de 2020. Nas matérias a partir de 2016, não há nada que contextualize o que, realmente, é o Anonymous ao leitor. Claro, eles são múltiplos – mas sua história não deve ser sintetizada e negligenciada.

Também não há como deixar de citar a variedade internacional de publicações sobre o Anonymous ao longo desta cobertura. Foram mais de 30 países pautados – além de que 190 das 366 matérias eram de cunho internacional. Isso mostra que a *Folha* se preocupou em

mostrar um panorama geral sobre as ações deste grupo que mobilizava o mundo – não se restringindo apenas aos casos do Brasil e dos Estados Unidos, onde tudo começou. Houve pluralidade, principalmente com a ajuda de agências de notícia internacionais para obter os conteúdos.

Porém, ao analisar toda a cobertura, há poucos contrapontos e críticas diretas ao Anonymous nas matérias da *Folha*. É como se a *Folha* acreditasse muito no que é feito, vazado, anunciado e não trouxesse especialistas para dimensionar o ocorrido. Da forma anunciada pelo Anonymous, cada operação parece ser um evento divisor de águas. Mas nem sempre os efeitos são tão impactantes assim na sociedade. Para leitores que não são habituados a este universo hacktivista, essa falta de dimensionamento e contraponto pode superestimar fatos. Sobre isso, há duas matérias interessantes para se levar em consideração. A primeira é uma de publicada em 2013, em meio às Jornadas de Junho, que dá voz à declaração de uma “garota ligada ao movimento” que critica o Anonymous, dizendo ser muito fácil escolher causas como punir corrupção, algo que todos serão favoráveis. Nenhuma outra publicação levanta essa análise, mesmo tendo sido o contexto em que a *Folha* mais citou o Anonymous.

A outra matéria foi publicada em 2015 e fala sobre a guerra que o Anonymous declarou contra o Estado Islâmico. Nesta, porém, é a primeira e única vez que é chamado um analista de segurança para dar um parecer sobre o impacto do que estava sendo feito pelo Anonymous na operação. Especialistas descredibilizam a amplitude do caso e ressaltam que não há impacto real.

Além disso, há assuntos que não foram pautados ao longo dos 13 anos. Como o caso do Black Lives Matter em 2020, quando George Floyd, um homem negro nos Estados Unidos, foi assassinado por um policial sem motivos. Os Anonymous se posicionaram frente ao caso e outros veículos noticiosos vincularam suas ações contra policiais e, até mesmo, diretamente a Donald Trump. Mas a *Folha* não o fez, mesmo em anos anteriores tendo divulgado casos similares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a cobertura da *Folha de S. Paulo* sobre o Anonymous, ao longo dos 13 anos de cobertura é evidente a descontinuidade da narrativa sobre os mesmos. Mas, ao mesmo tempo, a *Folha* disponibilizou um conteúdo amplo, plural e internacional sobre operações de Anonymous, pontuando-os no veículo todos os anos desde sua primeira aparição. Em meio a isso, é importante considerar a descentralização de produção dessas matérias – o que pode ser um dos aspectos que reflete a falta de padronização e descontinuidade sobre o Anonymous. Foram publicadas matérias de jornalistas de diversos estados e, também, de diversos países por meio de agências de notícia.

Não se pode desconsiderar, também, as limitações do jornalista no que diz respeito à cobertura sobre o Anonymous. Há toda uma questão de confidencialidade e de fóruns de comunicação que vão além da surface web – superfície da internet. Há também a segurança do profissional e do veículo, um ponto de atenção quando, ao buscar falar com a fonte principal, não se sabe quem está do outro lado da tela. É importante que o jornalista tenha cautela e não se exponha em suas apurações – além, claro, da pressão do jornalismo de web que requer matérias produzidas com cada vez mais agilidade.

Por fim, não poderia deixar de considerar a resistência da *Folha* nesta cobertura. Isso porque mesmo o Anonymous tendo a liberdade de imprensa como um de seus princípios,

ao longo desses 13 anos aconteceram, sim, ataques a veículos de comunicação nacionais e internacionais que foram reivindicados ou atribuídos a Anonymous. A *Folha* até noticiou boa parte destes casos e, mesmo assim, não teve medo de fazer seu trabalho. A *Folha de S. Paulo* resistiu e não parou de informar seu público sobre o que estava acontecendo na conjuntura sociopolítica – mesmo que, às vezes, com posicionamentos implícitos.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, B. da S. *Anonymous na imprensa: análise da cobertura midiática feita pelo site da Folha de S. Paulo*. TCC (Graduação em Jornalismo) - Universidade Católica de Santos. Santos, 216 p. 2021.
- ATAQUE AÉREO a Bagdá em 12 de julho de 2007. *Wikipedia*, 2007. (Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ataque_a_%C3%A9reo_a_Bagd%C3%A1_em_12_de_julho_de_2007>. Acesso em: 03 fev.2022.
- BARDOEL, J.; DEUZE, M. Network Journalism: Converging competences of old and new media professionals. In: *Australian Journalism Review*, 23 (2), 2001, p. 91- 103. Disponível em <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.474.8231&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2020.
- BARSOTTI, A. D. *Transformações contemporâneas nas práticas jornalísticas: o jornalista on-line como mobilizador de audiência*. 2012. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Prêmio Compós de Dissertação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC), Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1080>>. Acesso em: 01 set. 2021.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, R. Perene Pirataria. *Folha de S. Paulo*. 2008. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2009200805.htm>>. Acesso em: 03 fev. 2022.
- CLEAVER, H. Zapatistas e a teia eletrônica de luta. *Lugar Comum*, Rio de Janeiro, v. 4, p. 139-163, 1998. Disponível em: <http://https://uninomade.net/wp-content/files_mf/111401131141lugar_comum_04.pdf>. Acesso em: 24 out 2021.
- COLEMAN, G. Nossa esquisitice é livre. In: SILVEIRA, S. A. da; JOSGRILBERG, F. Botelho (Orgs.). *Tensões em rede: os limites da cidadania na internet*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2012. p. 91-108.
- DANCOSKY, A. K. *A Tecnologia nos jornais brasileiros: configurações temáticas e hipermediáticas das seções de tecnologia do Estadão, Folha de S. Paulo, Correio Braziliense e Gazeta do Povo*. 2015. Dissertação (Mestrado em Jornalismo – Área de Concentração: Processos Jornalísticos) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2015. Disponível em: <<https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/46>>. Acesso em: 03 out. 2021.
- HIMANEN, P. *A ética hacker e o espírito da era da informação*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- JOVEM ADMITE culpa por ataques a site da Igreja da Cientologia. *Folha de S. Paulo*. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u564706.shtml>>. Acesso em: 3 fev. 2022.
- KUMAR, K. *Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LINHA EDITORIAL. *Folha de S. Paulo*. s/d Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/institucional/linha_editorial.shtml?fill=2>. Acesso em: 03 fev. 2022.
- MARCONDES, D. *Filosofia, linguagem e comunicação*. São Paulo: Cortez, 2000.
- MACHADO, M. B. *Por dentro dos Anonymous Brasil: Poder e resistência na sociedade de controle*. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais) – Universidade Federal do ABC (UFABC).

Santo André, 2013. Disponível em: <<https://murilomachado.com.br/category/livro-anonymous/>>. Acesso em: 03 jan.2021.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 11. ed. Campinas, SP. Pontes Editores, 2013.

PROJETO EDITORIAL da Folha: Jornalismo profissional é antídoto para notícia falsa e intolerância - Projetos Editoriais Anteriores. 2. *Folha de S. Paulo*. 2019a. Disponível em <<http://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/projetos-editoriais-anteriores/1981-a-folha-e-alguns-passos-que-e-preciso-dar.shtml>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

PROJETO EDITORIAL da Folha: Jornalismo profissional é antídoto para notícia falsa e intolerância - Projeto Editorial - Folha de S. Paulo. *Folha de S. Paulo*. 2019b Disponível em <<https://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/projeto-editorial-folha-de-s-paulo/introducao.shtml>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

RODRIGUES, L.R. *We Are Legion: espontaneidade e ciberativismo nas ações do Anonymous no Brasil*. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/2191>>. Acesso em: 03 set. 2021.

ROSSETTO, G P N; SILVA, A. M. Agenda-setting e Framing: detalhes de uma mesma teoria?. *Intexto*.n.26, 2012. Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2012. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/22933>>. Acesso em: 11 nov. 2021.

SITE da Folha. *Folha de S. Paulo*. s/d Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/institucional/folha_com.shtml?fill=8>. Acesso em: 03 fev. 2022.

TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são*. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VEJA os números da Folha Online. *Folha de S. Paulo*.s/d Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/jornais_online-folha.shtml>. Acesso em: 03 fev. 2022.

WILLRICH, G. B.; FLORES JUNIOR, I.de B.. Agenda Setting: Efeitos e conceitos no cenário contemporâneo. *Anais VI Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo - Palhoça* – Unisul. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Nov.2016. Disponível em: < <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/jpjour/jpjour2016/paper/view/358/957>>. Acesso em: 11 nov. 2021.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

J.A. LOPES, Marcelo. *Epistemologia do Jornalismo Litigioso*. São Paulo: Intercom, 1997.

ABSTRACT

Called by many names, the decentralized and controversial Anonymous legion mobilized thousands of people around the world with hacktivist actions that went beyond computer screens and directly interfered with governments, large corporations and the press. In *Folha de S. Paulo*, one of the main vehicles in Brazil, Anonymous was mentioned for the first time in 2008 and has continued to be featured over the years. Based on this, the scientific article is based on the bachelor's dissertation "Anonymous in the press: Analysis of media coverage made by the *Folha de S. Paulo* website" and proposes to synthesize the results obtained from quantitative and qualitative analysis developed in the initial research. 13 years (2008 – 2020) of publications were tabulated, broken down into 366 texts. Based on journalism theories and discourse analysis techniques, in addition to focusing on hacktivism and the history of anonymous and *Folha de S. Paulo*, this paper exposes layers of the portrayal of Anonymous to the public over the years and the editorial decisions made by the coverage.

KEYWORDS

Anonymous.Hacker. Journalism. Folha de S. Paulo; Discourse Analysis.

NOTAS

- ¹ O *Word Wide Web* foi desenvolvido no *Centre Europeen pour Recherche Nucleaire* (CERN, em tradução livre Organização Europeia para Pesquisa Nuclear), em Genebra, um dos principais centros de pesquisas de física de partículas do mundo em um grupo foi chefiado por Tim Berners Lee e Robert Cailliu que, segundo Castells (1999), afirmam que a pesquisa não foi montada a partir da tradição da ARPNET, mas da contracultura hacker na década de 1970.
- ² Mashall MacLuhan é conhecido por teorizar o conceito de Aldeia Global, que se assemelha à realidade atual existente por conta da internet, há quase 30 anos antes da internet, em si, ter sido inventada. Ele faleceu em 31 de dezembro de 1980.
- ³ www.4chan.org
- ⁴ “Lulz” é uma expressão que surgiu a partir de “LOL”, que significa *laughing out loud* (“rindo alto”, em tradução livre).
- ⁵ Tradução livre para: “We Are Anonymous. We are Legion. We do not forgive. We do not forget. Expect us”.
- ⁶ Nesse caso, dentre uma série de vazamentos, se destacou a publicação do vídeo *Collateral Murder* que mostra um helicóptero Apache dos Estados Unidos atacando civis em Bagdá, no Iraque, onde havia entre eles jornalistas da Reuters. (WIKIPEDIA, 2007)